

**A PSICOLOGIA DA CRIANÇA E A PEDAGOGIA FUNCIONAL DE
EDOUARD CLAPARÈDE – CONTINUIDADES E RUPTURAS NO
PENSAMENTO DE UM IMPORTANTE EDUCADOR MUNDIAL.**

Simão, Rosimeire.

Departamento de Psicologia e Educação da FFCLRP, USP.

Eixo Temático: 6. Intelectuais, pensamento social e educação.

O seguinte trabalho possui como objeto de estudo as obras educacionais de Edouard Claparède, representante do movimento escolanovista, que contribuiu para a chamada “Revolução de Copérnico” na educação, retirando o centro gravitacional do processo de ensino-aprendizagem dos conteúdos e do professor direcionando-o para o aluno, seus interesses e necessidades.

A apresentação tem como objetivo principal: analisar as proposições educacionais e psicológicas de Claparède tomando-se, para tanto, como categorias de trabalho: desenvolvimento infantil, função da educação e papel do professor, procurando-se apontar continuidades e rupturas no pensamento deste importante educador mundial.

Para a realização deste trabalho utilizamos como fonte de análise, os livros produzidos por Claparède a respeito da educação e aqueles em que ele expressa de forma mais geral suas concepções de homem e educação.

Sabemos que a segunda metade do século XIX e primeira metade do século XX foram marcadas pela valorização da criança, essa passou a ser o centro dos programas e dos métodos escolares, e Claparède foi um dos autores que se preocupou em compreender a criança, tanto do ponto de vista biológico quanto experimental.

Claparède foi um típico representante da psicologia influenciada pela biologia e pelo evolucionismo, e essas duas ciências foram de grande importância para o autor, pois serviram de base para sua teoria de desenvolvimento infantil e conseqüentemente de educação.

Seu interesse pela educação surgiu quando algumas professoras encarregadas de classes especiais para “retardados e anormais”, criadas em Genebra, foram se aconselhar com ele por perceberem que não tinham recebido nenhum preparo para lidar com essas crianças. E depois de ficar a par dos problemas dos anormais, teve seu interesse despertado para a psicologia pedagógica e também para “os defeitos do regime escolar”, demonstrando a necessidade da “escola sob medida” (CLAPARÈDE, 1959, p.30), cuja

maior preocupação era adaptar-se a cada criança individualmente e não encaixar todas no mesmo molde.

Nesse período, o mundo passava por várias mudanças e transformações, principalmente a economia dos países “desenvolvidos”, que de acordo com Hobsbawm (1996, p. 84): “vivia-se, obviamente, num tempo de prosperidade”, período em que o telégrafo sem fio, o telefone, fonógrafo e o avião, e automóvel passaram a fazer parte da vida moderna.

No que diz respeito às ciências, de acordo com Hobsbawm todas as áreas da biologia ligadas às idéias de Charles Darwin e ao seu conceito de “evolução”, apresentavam um forte conteúdo ideológico, sendo a biologia usada para defender uma ideologia burguesa igualitária, pois deslocava a culpa das desigualdades humanas para natureza, justificando assim, a pobreza como sinal de inferioridade. “A biologia era, portanto, a ciência da direita política e também a ciência daqueles que viam a razão, o progresso e a própria ciência com desconfiança”. (HOBBSAWM, 1996, p. 351).

Claparède acredita que é a necessidade que desencadeia na criança a atividade através da qual se desenvolve física e intelectual, estética e moralmente, para tornar-se o que é.

Defende que o interesse deve ser a mola da educação e não o medo do castigo ou o desejo da recompensa, segundo ele a criança deve desejar fazer algo e não ser forçada a fazer. De acordo com Claparède, (1959, pp. 202, 203),

[...] a escola não deve mais ser um leito de Procusto, onde se deita a criança quer queira, quer não; ao contrário, a criança é que se deve tornar a medida dos métodos e dos processos educativos. A escola para a criança, e não mais a criança para a escola. O próprio programa não deve mais ser estabelecido fora da criança, por assim dizer, e sem ter havido a preocupação de saber se as partes deste programa convêm às idades a que se destinam. Aí também, é a criança que deve fornecer a norma, segundo a qual se legislará.

De acordo com o educador, a escola deveria preservar o período da infância, o que segundo ele, em muitos casos, é encurtado e fases que deveriam ser respeitadas, deixa de ser observadas.

O autor faz uma crítica ao tipo de conhecimento desvinculado da vida, e defende que a educação deve enfatizar o desenvolvimento das funções intelectuais e morais.

A educação deve visar a desenvolver as funções intelectuais e morais, muito mais do que empanturrar o crânio com massa de conhecimentos que (quando não são logo esquecidos) se tornam mais freqüentemente conhecimentos inoperantes, morando na memória como corpos mortos, sem relação com a vida. (CLAPARÈDE, 1959, p. 126)

Para a escola nova, além dos métodos e programas passarem a girar em torno da criança, essa apresenta outra característica marcante que é a necessidade de tomar sempre como ponto de partida o meio natural e social que decorre da vida da criança.

Claparède chama de educação funcional aquela que é completamente fundada na necessidade e nos interesses psíquicos dela resultantes. Segundo ele, para ser aplicado o principio de educação funcional nas escolas, é preciso considerar a psicologia da criança, visto que, de acordo com sua visão a criança não é um adulto em miniatura, incompleto e sim um ser que tem vida própria e possui seus próprios interesses. (CLAPARÈDE, s/d, p.11).

Em sua obra Educação Funcional, citou que: “a escola deve ser ativa, isto é, mobilizar a atividade da criança, devendo ser mais um laboratório que um auditório”. (1954, p. 185).

De acordo com Claparède (1954, p. 185),

A escola deve fazer amar o trabalho. Muitas vezes ensina a detestá-lo criando, em torno das obrigações que impõe associações afetivas desagradáveis. É, pois, indispensável que a escola seja um ambiente de alegria, onde a criança trabalhe com entusiasmo.

Para essa nova concepção de escola, o educador destacou que seria necessário que uma mudança completa na formação do professor, e essa preparação deveria ser, primeiramente, psicológica.

Segundo Claparède (1959, p. 196 e 197), para que essas reformas ocorressem, primeiramente seria necessário:

- 1) Intensificação das pesquisas científicas relativas à criança e ao desenvolvimento mental; 2) Preparação especial dos futuros educadores, e isto sob duplo ponto de vista: primeiro, para conservá-los cientes dos resultados das pesquisas psicológicas e das novas normas decorrentes para a educação e a instrução; e, em segundo lugar, para dar aos próprios educadores, tanto quanto possível, o espírito científico, isto é, a aptidão

de se espantar diante dos fatos de sua vida profissional cotidiana, e o desejo de inquirir esses fatos e procurar obter deles uma resposta, aplicando-lhes a observação metódica e a experimentação.

De acordo com o educador, o objetivo da educação funcional não seria, colocar nas mãos da criança todo o saber de que poderá um dia ter necessidade, mas fazer que sinta que prove, por experiência pessoal, o valor do trabalho e do saber; nem degradar aos olhos da criança a atividade humana, forçando-a a tarefas sem relação com a sua vida. (CLAPARÈDE, 1954, p. 304).

Claparède propunha que a pedagogia deveria apoiar-se na psicologia da criança para obter melhores benefícios em suas práticas escolares, segundo ele “a psicologia não tem que determinar os fins da educação, mas ela pode informar ao professor sobre os melhores meios para alcançá-los” (idem p.17). Defendia ainda, que se o professor quisesse que seus esforços tivessem êxito, deveria adaptar a educação à própria natureza da criança, pois segundo ele, não adianta nada ir contra as leis da natureza.

Neste ponto, como já foi citado, a criança é o centro da educação no movimento escolanovista, e agora é a “escola para a criança e não mais a criança para a escola” (CLAPARÈDE, 1961 p.203). Dentre as várias áreas tratadas dentro da Psicologia, Claparède defendia a Psicologia Funcional, que segundo ele, não se tratava de uma psicologia oposta a outras psicologias, mas sim uma maneira de focar os fenômenos mentais, ou melhor, os fenômenos da conduta (idem, p.80).

Claparède propõe que a escola deva utilizar-se dos resultados e dos métodos da psicologia experimental, pois segundo ele, a pedagogia é uma técnica destinada a obter determinado rendimento, e este será maior e melhor à medida que for mais preciso mais adequado, claro, e para ele somente a experiência é capaz de proporcionar esses dados. Ele acredita que não é somente o estudo dos métodos e do rendimento escolar que necessita da psicologia experimental, mas também os próprios alunos. (CLAPARÈDE, s/d, p.125).

A psicologia experimental era proposta para se descobrir o perfil psicológico do aluno, para saber qual o nível intelectual da criança, se apresenta atraso, se o problema é relacionado com a afetividade, memória ou inteligência. Segundo Claparède essas questões eram vitais, e não tratava somente de descobrir a quantidade de inteligência do aluno e sim de levantar quais eram os pontos fracos e fortes desse aluno, e em quais

deveriam se apoiar para obter resultados em seus trabalhos. Assim era traçado o perfil psicológico baseado no nível alcançado pelo sujeito em cada uma de suas aptidões físicas e mentais.

Com esses testes acreditava que o professor tinha um excelente recurso em mãos para instruir e educar os alunos, visto que, através destes testes era possível conhecer a individualidade psicológica de cada um, pois segundo Claparède (1961, p. 124), o desenvolvimento de cada criança é particular e, portanto, a educação deve ser “sob medida” e não uma confecção em série.

De acordo com essa nova proposta de educação, a função do professor teve grandes mudanças. Esse não deveria mais ser o transmissor de conhecimentos e deve a partir de então,

[...] ser um estimulador de interesses, despertador de necessidades intelectuais e morais, em vez de ser o transmissor do conhecimento deve auxiliar os alunos na aquisição dos seus próprios conhecimentos possuídos por ele mesmo, ajudá-los-á a adquiri-los por si mesmos, através de trabalho e de pesquisas pessoais” (CLAPARÈDE, 1961, p.127).

Propõe-se que a escola seja um laboratório através do qual a criança possa escolher o que estudar, de acordo com o seu interesse e vontade.

Na educação funcional, “o papel do mestre será limitado a propor à criança os exercícios mais apropriados para despertar ou para fortificar, nela, os poderes com que deve estar equipada, diante da vida – sua vida de criança, inicialmente; depois, sua vida de adolescente; por fim, a de adulto”. (...) (CLAPARÈDE, 1961, p.127).

O professor deverá como disse Claparède permanecer nos bastidores, de onde organizará a maneira mais favorável de despertar as necessidades intelectuais e sociais da criança. Não é mais função do professor educar a criança, essa deverá ser colocada em condições tais que ela própria se eduque. Ainda de acordo com o autor, para que ocorresse essa mudança seria necessário antes, uma intensificação das pesquisas científicas relacionadas à criança e ao desenvolvimento mental e uma preparação especial para os futuros professores, que segundo Claparède, serviria primeiramente para manter os professores cientes dos resultados das pesquisas psicológicas, das novas idéias para educar e instruir e também para proporcionar a estes um espírito científico, partindo de uma observação metódica e experimental.

Claparède critica os professores que não acreditam na utilidade da psicologia, dizendo que somente quem não tem vocação para educação é que não se interessa pela psicologia da criança, critica ainda a psicologia aprendida através de manuais, o que ele chama de psicologia verbal. Assim o educador defende uma formação de professor que possa atuar de acordo com sua concepção de educação.

Ao discutir sobre a falta de base científica na educação, Claparède (idem, p. 215) se refere à pedagogia como uma disciplina unicamente filosófica e atribui isso a sua própria natureza e também a sua falta de método. E acredita que somente um fundamento rigorosamente científico e psicológico dará a pedagogia à autoridade que lhe é indispensável para conquistar a opinião e forçar a adesão às reformas desejáveis.

Para Claparède (1956, p. 130),

Uma criança é um ser que cresce, que se desenvolve; suas diversas funções mentais não se acham em estado de equilíbrio, mas acusam uma progressão constante. Este impulso interior vai, pois, influir em todas as atividades da criança e lhe dar um modo de ser, uma forma especial. Daí, uma série inteira de problemas relativos aos fatores que determinam a forma que tomarão o espírito e a personalidade da criança, aos caracteres que a atividade mental das diversas idades revestirá, ao ritmo o crescimento mental, etc.

De acordo com o educador, o desenvolvimento de um indivíduo pode ser influenciado por dois fatores: o meio e a hereditariedade, sendo que o meio compreende a educação.

Em sua obra *Psicologia da Criança* (1956, p. 134), Claparède argumenta que, diante de um caráter, o que importa não é saber se ele é ou não hereditário, e sim, em que medida ele depende da herança ou do meio. Segundo o educador,

Um caráter será considerado hereditário, não quando em nada dependa do meio, o que não tem sentido, mas quando os fatores hereditários manifestamente preponderem sobre os do meio; e vice-versa, tomar-se-a um fenômeno como resultado da educação quando este fator preponderar manifestamente sobre o da hereditariedade.

Influenciado pela Biologia e pela Psicologia, o educador buscou nessas duas ciências as bases para sua concepção de desenvolvimento, apresentando uma visão bio/psicologizante dessa questão ao estabelecer uma relação de causa e efeito entre

crescimento e desenvolvimento mental. Ainda na mesma obra (1956), Claparède apresenta um estudo sobre a relação entre desenvolvimento físico e mental, mostrado através de gráficos e tabelas as diferenças de estatura e peso e as variações dessas medidas de acordo com a idade e sexo.

O educador defende que, esses resultados são importantes e deveriam interessar aos professores: “As variações do crescimento durante o curso do ano não deixam de ter interesse para a educação”, pois segundo ele, “para o professor primário, o que lhe interessa no crescimento físico é que os fenômenos que o constituem tem uma repercussão sobre as funções psíquicas e sobre a energia do trabalho mental”. (1956, p. 392).

Com isso, Claparède (1956, pág. 398) argumenta em seu material que:

[...] conhecer a marcha do desenvolvimento físico e o estado de saúde de seus alunos é indispensável ao educador; por isso, em toda a parte se reclama a instituição das cadernetas de saúde ou “fichas médicas individuais”, de que seriam dotados os alunos das escolas e nas quais se notariam os diversos incidentes de caráter médico ou biológico que sobreviessem durante a escolaridade, tais como enfermidades, vacinações, crises do crescimento, acidentes diversos, etc.

Além de apresentar uma visão bio/psicologizante do desenvolvimento, é possível perceber que o autor (1956, p. 450) tinha concepção naturalizante de infância, ao sugerir que os ensinamentos da Natureza seriam melhores do que qualquer educador.

[...] As menores manifestações que caracterizam o estado de infância devem, pois, ser seguidas com o maior cuidado pelo educador, que, longe de contrariar a Natureza, nada poderá fazer de melhor que segui-la, sob pena de expor-se a um malogro. A natureza sabe bem o que faz; ela é melhor biólogo que todos os pedagogos do Universo, e a maneira como procede para fazer de uma criança um adulto deve ser o único guia do preceptor.

Isso se evidencia ainda mais quando ele compara o desenvolvimento da criança ao da Natureza: “Vemos a Natureza criar no menino hábitos e desejos correspondentes às necessidades de seu desenvolvimento, emprestando atrativo particular a tudo que seja capaz de satisfazer estas necessidades, de realizar esses desejos”. (idem, p. 450).

Como já sabemos, Claparède participou ativamente e teve um grande destaque na elaboração e divulgação do ideário escolanovista.

No Brasil, além da influência sobre os educadores brasileiros, o educador contribuiu com a reforma de 1971 através da Lei 5.692 que se inspirou em suas idéias, mas precisamente em sua concepção funcional de educação, através da qual, colocava o saber a serviço da ação e a criança como centro dos programas e dos métodos escolares.

A idéia das aptidões apresentada nas obras de Claparède mostra como se dá a individualização do sujeito, difundida na sua concepção educacional, atrelando as possibilidades de sucesso ou fracasso ao pessoal, desconsiderando totalmente as influências do meio sociocultural, histórico e político.

Claparède defendia uma educação baseada no cotidiano, na qual a criança recebe o conhecimento básico para viver, ou seja, o saber produzido naquela época também não era compartilhado dentro das salas de aula.

Diante dessa questão, cabem algumas perguntas: qual seria então o papel da escola e da educação naquele período? Quem tinha acesso ao saber sistematizado? A quem se destinava sua concepção de educação? A todas as classes sociais ou a uma parte delas? Poderíamos encontrar alguma continuidade do pensamento desse importante educador mundial na educação de hoje? E o papel do professor atualmente? Também representa uma continuidade ou será uma mera coincidência com a concepção apresentada pelo educador?

Até o momento essas foram algumas questões levantadas a partir da leitura das obras de Claparède, e é de extremo interesse encontrar essas e respostas e outras mais que poderão surgir no decorrer dessa pesquisa. Para isso será necessário dar continuidade na leitura das obras do educador, e nas obras auxiliares que contribuirão para o entendimento do contexto sociocultural, histórico e político em que esse material foi produzido.

Referências bibliográficas:

CLAPARÈDE, E – *A Educação Funcional* – (tradução e notas J. B. Damasco Penna) – 4º ed. - São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1954.

CLAPARÈDE, E. - *A Escola e a Psychologia Experimental* – (tradução e prefácio de Lourenço Filho)- 2ºed. - São Paulo: Comp. Melhoramentos de S. Paulo, s/d.

CLAPARÉDE, E. – *A Escola sob Medida* – (tradução de Maria Lúcia do Eirado Silva) – Rio de Janeiro: Editora Fundo de Cultura, 1959.

HOBSBAWM, H. – *A Era do Capital (1848-1875)* – 5º ed. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

